

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assinatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1171	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	950	120	10 de Julho de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000				
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500				

Acoroação do Rei Jorge V de Inglaterra



SS. MM. REI JORGE V e RAINHA MARIA DE INGLATERRA

(Reprodução do «The Ladies' Field»)

CHRONICA OCCIDENTAL

Talvez haja quem diga, ao ler esta chronica, que não sabe onde está a oportunidade d'ella. Pois tenha paciencia quem o disser, e dê-se um pouco ao cuidado de procurar o que n'ella não acha. Se procurar bem, ha-de encontrá-lo.

Para se avaliar bem o que significa hoje para o nosso paiz o problema momentoso da instrução, é preciso reparar nas estatísticas aterradoras do analfabetismo. Ellas sacodem o entendimento dos mais indifferentes.

De dois milhões quinhentos e noventa e um mil e seis varões, que habitam o continente do reino, um milhão oitocentos e cincoenta e cinco mil e noventa e um não sabem lêr. Para ficar apavorado perante o numero de analfabetos, nos diversos districtos do continente, basta lançar os olhos ao seguinte: em Bragança existem 90:000; em Braga, 105:000; em Vianna do Castello, 56:000; em Villa Real, 79:000; em Vizeu, 141:000; no Porto, 169:000; em Coimbra, 109:000; na Guarda, 94:000; em Castello Branco, 84:000; em Evora, 52:000; em Beja, 67:000; em Faro, 105:000; em Leiria, 93:000; em Lisboa, 217:000; em Portalegre, 49:000; em Santarem, 106:000.

Se mencionassemos paralelamente a percentagem da população, nos districtos indicados, o effeito ainda seria mais assustador. Mas não é necessario, porque o que ahí fica é por demais edificante.

Como formar a consciencia civica e moral do cidadão, sem que primeiro elle tenha aprendido na escola a ser homem? Decididamente não temos o direito de castigar, enquanto não tivermos cumprido o nosso dever de ensinar. E ensinar é tudo. Se pretendemos por exemplo, que o soldado se mantenha dentro da mais rigorosa disciplina militar, e seja a melhor garantia da ordem e da paz, libertémo-lo da ignorancia, ensinando o a ser um verdadeiro cidadão.

A instrução, dizia ha pouco um homem illustre no Parlamento francês, é a verdadeira defeza nacional. E esta expressão afigura-se-nos perfeitamente justa.

A instrução está comprehendida, incontestavelmente, entre as medidas assecuratorias da defeza interna de qualquer paiz.

As principaes nações assim o têm pensado e têm, por isso mesmo, as atenções voltadas para este problema permanentemente interessante. Ao criterio e á razão dos esclarecidos estadistas que as orientam e estimulam, não tem passado despercebido que no ensino está, decerto, o ponto celebre de apoio que Archimedes exigia para deslocar e erguer o mundo com uma simples alavanca. Se este ponto não se presta, verdadeiramente, á elevação do mundo, presta-se á da humanidade. Porque ninguem deve hesitar na affirmacão de que a humanidade gosaria muito mais a vida, muito mais feliz e muito tranquilla, se não fôsse, em sua maior parte em grande massa, em regra, em bloco, tão profundo e tão redondamente ignorante. A cultura do character, da vontade e a cultura espirital são certamente dois preciosos elementos de felicidade humana. Não se diga de felicidade d'alma unicamente, mas, talvez, do proprio corpo.

Sabe-se que a mortalidade é quasi dupla nos grandes bairros habitados pelos desfavorecidos da fortuna, relativa-

mente aos habitados pelos ricos, attribuindo-se como é natural, este phenomeno ao augmento de conforto e bem estar de que os ultimos se cercam. Tem um certo fundo de verdade a doutrina que Fleury sustenta na sua Introducção á medicina do espirito, encontrando uma razão psychologica que explica a resistencia mais pronunciada de que gozam as mais altas classes da sociedade. A experiencia não tem provado que as raças mais civilizadas, os homens os mais cultos, os mais nutridos de sensação de arte ou de conhecimentos scientificos, são, ao mesmo tempo, os mais refractarios ás molestias microbianas?

Com igual corpulencia, um selvagem é sempre menos vigoroso que um civilizado, um camponez que um cidadão e um illetrado que um artista, porque o civilizado, o cidadão, o artista são saturados de sensações, que levantam o grau da sua vitalidade.

A ser verdadeira a doutrina que attribue poderes de immunização á intelligencia culta, é mais um infortunio, e, com certeza, dos mais tristes, a pezar sobre os desprotegidos e é mais uma eloquente, uma expressiva prova da necessidade que todos os povos têm de erguer ao mais alto possivel e de difundir o mais profusamente o seu ensino, a sua educação.

Não ha, portanto, de qualquer maneira que encaremos o assumpto, uma só fórmula de consideravel-o secundario. Assim como ha questões de vida e morte para os individuos, tambem as ha para as nações. E nenhuma outra o é mais do que a questão do ensino.

A Allemanha, a Inglaterra, a America do Norte que, têm o seu ensino mais desenvolvido, ao mesmo tempo com processos e com methodos mais logicos, são as nações mais fortes, mais potentes e mais ricas. Porque o Japão e a China deram á instrucção feitos e elementos novos, vão-se impondo, vão-se destacando e vão fazendo convergir para elles a attenção do mundo inteiro.

De alguns annos para cá, brilhantissimas lições que Halamard, Croiset, Boitel, Lamson, Langlois, Sergnobos, Malapert, Lavisse, Devinat, Appel e Millerand têm professado na Escola dos Altos Estudos Sociaes da França os seis grossos volumes do valioso inquerito parlamentar, sobre a materia, feita ha poucos annos naquella paiz, em que se pronunciaram, por assim dizer, todos quantos cuja opinião de qualquer modo deveria contribuir para a elucidacão da grave questão e, mais do que isso, o livro de Le Bon, a sua magistral *Psychologia da educação*, calcada quasi inteiramente sobre o referido inquerito — tudo isso representa optimos esforços e excellentes esclarecimentos.

O livro de Le Bon, por si sómente, constitue,

sem duvida, o balanço mais preciso e mais fecundo que se possa dar em nossos dias, aos problemas desta natureza, e onde se exhibe, inilludível e incisiva, a mais vasta documentação flagrante.

Le Bon diz que a prosperidade de um povo depende muito mais dos seus systemas de educação do que das suas instituições ou do seu governo. E por mais simples, por mais clara, por mais convincente que esta affirmacão se nos antolhe, ainda o é mais, quando o notavel psychologo define a educação como «a arte de fazer passar o consciente no inconsciente», definição muito psychologica, em verdade, mas profundamente significativa, em se sabendo da importancia que resulta do habito da vida humana, em se sabendo que as nossas acções não são, em regra, mais do que a legitima e a immediata consequencia de uma série de habitos inveterados. Não é o raciocinio puro e prompto que as produz a todo o instante, mas, bem ao contrario, em grande numero de casos, nós agimos inconscientemente; e á força de fazermos uma mesma coisa, com esforço, de principio, terminamos por fazel-a irreflectida e, muitas vezes, quasi insensivelmente.

Ora, é precisamente nisso que consiste o alto valor da educação. Habitados a um discernimento regular dos homens, das acções, das coisas e dos factos que nos cercam, facil se vae tornando, pouco a pouco, não necessitarmos de uma reflexão madura para diversificál-os á primeira vista e dar-lhes com perfeita seguraça o trato e a direcção que lhes compete. Isto se faz por força de habitos. E é na accumulacão de forças desta natureza que consiste o ensino, mais do que este, a verdadeira educação.

Se os problemas da educação tomaram decisivamente, em boa hora, esta importancia inilludível; se todas as nações que querem prosperar, que aspiram a collocar-se lado a lado das que na primeira plana, hão de ligar-lhes a attenção que ellas exigem, como poderia a instrucção em Portugal conservar-se por mais longo tempo na attitude deploravel de uma indifferença criminosa e de uma indecisão deliquescente, como estava acontecendo nos ultimos tempos do regimen extinto? Como explicar que se continuasse aqui nessa imprudente feira pedagogica a mercantilizar aprovações e exames, como se mercantilizam generos alimenticios? Como deixar que se alastrassem ou se mantivessem, no melhor dos casos, todos esses males que ha annos tantos publicistas vinham desvendando, aos olhos da Nação e aos olhos do Governo? Como levar por diante essa situação, de todo em todo absurda e inexplicavel? Como deixar, por outro lado e finalmente, que nos fossemos regendo por systemas já banidos, por processos velhos, em lugar de

tomar pela senda luminosa que a sciencia nova abre e desbasta?

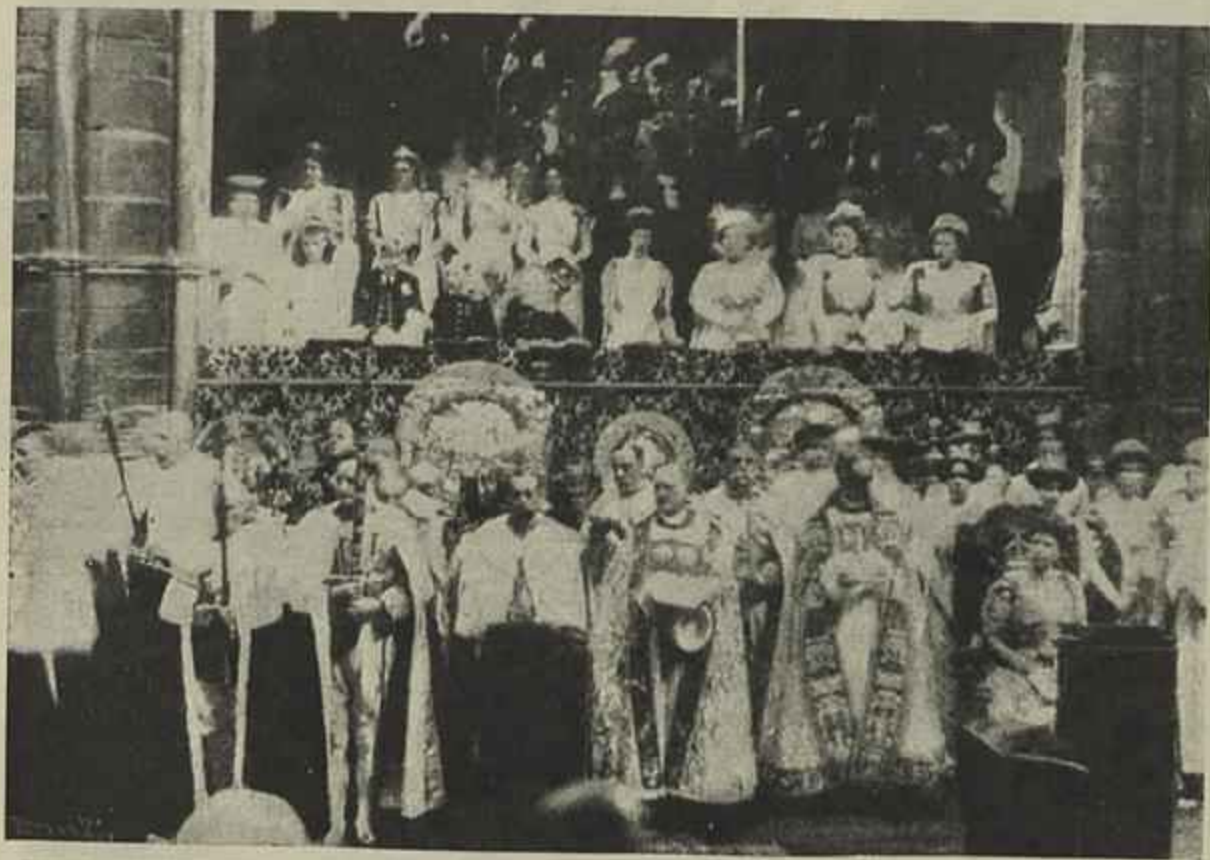
Permittir que essa miseria continuasse, seria concorrer para a degradação de um povo inteiro, de uma patria forte e fertil, que vê congregarem-se os seus melhores elementos, para um movimento intenso de trabalho, de riqueza, de prosperidade, e execução dos seus esplendidos anseios.

JOÃO PRUDENCIO.



Uma mulher muito ciumenta, examinando o livro de contos do marido e vendo lançado «uma camisa 20\$000 réis» exclamou:

— Supponho que dentro estava a costureira.



S. M. Jorge V

S. M. Maria

A CEREMONIA DA COROAÇÃO NA ABADIA DE WESTMINSTER

(Fotografia de B. Stone)

A coroação do Rei Jorge V de Inglaterra

Conserva a Inglaterra todas as tradições de seus maiores, indo até à Idade Média, que não tem dúvida de fazer reviver em todos os actos sollemnes officiaes, por mais caduco, anacronico que isso pareça. Mas este espirito conservador que não tolhe a Inglaterra de progredir em todas as conquistas da civilização, tornando-se tão forte pelos seus progressos como pelo inquebrantavel patriotismo do seu povo, unido em um só pensamento de engrandecer a patria e de afirmar a sua nacionalidade em toda a parte em que se encontra.

Esse povo pouco lhe importa o regimen porque se rege. O seu regimen é a Lei, a que todos obedecem, até o rei, mas positivamente, sem rodeios, sem privilegios. O povo fez a Lei, o povo a cumpre desde o primeiro ao ultimo cidadão.

O rei é um simbolo dentro dessa Lei, que elle conserva com todas as tradições que lhe andam ligadas e que todo o inglês respeita e de que se orgulha.

A Inglaterra acima de tudo. Morto o Rei, viva o Rei. A Inglaterra segue seu caminho.

Assim tem atravessado os seculos, engrandecendo-se, impondo-se ao respeito mundial, como a nação mais livre, mais liberal, que melhor se governa, servindo de lição a todos os povos.

O prestigio da realêsa não a encomoda, e antes o quer, intangivel, inalteravel, com todo o ceremonial dos seus grandes actos, como foi o agora realizado da coroação do rei Jorge V.

A grandêsa e riquêsa das festas com que se celebrou a Coroação Real, atingiu o maior fausto, que até alguma imprensa inglesa, acaso a mais avançada ou fleugmatica, taxou de excessivo. Mas o governo inglês por mais liberal, até avançado que o considerem, nem por isso, ou por isso mesmo, quiz dar todo o esplendor, o maior á coroação do Rei, como para mostrar bem que na Inglaterra a realêsa é perfeitamente compativel com o seu povo, porque, enfim, o povo é que é a verdadeira realêsa!...

As festas estenderam-se por uns quinze dias, em que houve banquetes, bailes, cortejos, paradas, manobras de esquadras, fogos de arteificio, iluminações, — que só nellas se despenderam dose mil contos, pelo que se lê nos telegramas — o que atraiu a Londres povo de todos os recantos do Reino Unido, que veio engrossar a população de cinco milhões de habitantes da grande cidade.

Todas as potencias se fizeram representar nestas solemidades por seus soberanos e principes, e enviados especiaes.

As festas na côrte tiveram extraordinario brilho e, porventura, a que mais se distinguiu por sua originalidade foi a do baile em seguida ao banquetes de 560 talheres dado no palacio de Buckingham pelo rei e pela rainha. Neste baile, em Albert Hall transformado num jardim formal, estilo dos Tudores, os convidados apresentaram-se em trajes Shakspeareanos representando personagens das peças do grande dramaturgo.

Na presença dos principes estrangeiros, o sauro tomou a maior animação. Organizou-se um lindo cortejo representando a caracter a côrte da rainha Isabel (1598).

As personagens que figuravam nesse cortejo eram todas descendentes dirêtos dos daquella côrte do seculo XVI.

Se este foi um dos numeros mais originaes e interessantes das festas da côrte, as festas publicas foram deslumbrantes e trouxeram o povo de Londres verdadeiramente enlevado, durante todo o tempo que duraram.

Os cortejos reaes do Principe de Gales e dos reis de Inglaterra atravessaram as suas de Londres dirigindo-se á Abadia de Westminster, onde teve logar a cerimonia da coroação, por entre as alas compactas de povo, que a custo era contido por 50.000 policiaes, o que não é de admirar atendendo á numerosa população de Londres, supellido a cinco milhões e extraordinariamente aumentada com os forasteiros.

Quando suas majestades chegam á Abadia, o espectáculo é empolgante. A côrte, todos os grandes de Inglaterra aguardam a chegada á entrada do templo, e começa o ceremonial.

Os padres formam a vanguarda da procissão real. Aos acordes do órgão, o côro entoa um canticum sollemne e sob a abobada ennegrecida da igreja desfilam os grandes dignatarios do Estado, igreja desfilam os grandes dignatarios do Estado, as suas corôas trazidas por pagens, os arautos vestidos de côres brilhantes da Idade Média, os estandartes da Inglaterra, da Escocia, da Irlanda

e do Reido Unido, que são trazidos por direito hereditario por determinados representantes de casas de velha estirpe. Notam-se, sobre todos, os estandartes do imperio ultramarino: do Canadá, das Indias, da Australia, da Nova Zelandia e da Africa do Sul, que são trazidos por antigos vice-reis e governadores destas grandes colonias. E' a primeira vez que as colonias são assim representadas nas ceremonias da coroação. Passa a rainha ao fundo da igreja. Sua majestade traz um vestido magnifico de setim branco custosamente bordado a ouro com a rosa inglesa, o cardo escocês, o trevo irlandês e o lutus das Indias. O manto real é de velludo côr de purpura imperial e ornado com as flores nacionaes bordadas a ouro e matiz, o forro é guarnecido de arminho. A cauda, de seis metros é segura por seis meninas, as mais bonitas da nobresa, vestidas de branco e enfeitadas de perolas. Adeante do rei veem os nobres que trazem os *regalia*, os emblemas dos attributos reaes, o globo de ouro encimado por uma cruz que simbolisa a soberania, as esporas de ouro, a grande espada de estado, a espada de misericordia, que não tem ponta e simbolisa a clemencia régia; a espada de justiça espiritual, de ponta curta; a espada da justiça temporal, comprida e acerada, e a rica corôa de S. Eduardo o Confessor. Atraz destas insignias do seu poder está o rei Jorge trajando a vestidura real com as cores majestaticas. Traz o collar da Ordem da Jarreteira e o *Cap of State* (gorro de velludo guarnecido de arminho). O seu longo manto de porpura forrado de arminho — o manto do rei Jorge IV —, é segurado por 8 jovens pagens de casacas vermelhas e meias de seda brancas. De cada lado do rei estão dois bispos e os gentishomens da guarda pessoal de sua majestade, com uniformes escarlates bordados a ouro.

Quando suas majestades avançam, os estandartes da antiga Escola de Westminster, que teem o direito e o dever de saudar o rei e a rainha no dia da coroação, aclamam nos com toda a alma da velha formula: «Vivat Regina! Vivat Rex!» A procissão vae enchendo a nave, enriquecendo a belêsa grave e sombria da velha Abadia com todas as côres vivas e deslumbrantes do fausto real, o escarlate e o ouro dos soldados, o branco dos sacerdotes, a presença dos nobres e obrilhanismo das joias. O rei e a rainha ajoelham e rezam antes de tomarem os seus logares nas cadeiras regias. A cerimonia da coroação conserva toda a puzsa tradicional. A primeira observancia é o reconhecimento do rei.

O arcebispo de Cantorbery, acompanhado pelo *lord* chanceler, o *lord* gran-condestavel da Inglaterra, o conde-marechal e o rei de armas da ordem da Jarreteira, voltam-se para os quatro angulos da igreja e apresentam o rei ao povo reunido, por estas palavras: «Apresento-vos o rei Jorge, o rei incontestavel deste reino. Assim vós que viestes aqui prestar a vossa homenagem e o vosso dever, estaes dispostos a cumpril-os?» Um toque de trombeta e gritos retumbantes de *God save king George* reconhecem sua majestade como sendo o rei incontestavel do reino.

Começa a parte puramente religiosa da cerimonia. E' simples, mas sollemne e imponente. Do centro da Abadia dois bispos cantam a ladainha, emquanto o côro entoa os responsos. Depois da repetição do Credo, um bispo sôbe ao pulpito e pronuncia um sermão. Depois o arcebispo vae deante do rei e pergunta-lhe se quer prestar juramento. O rei, tendo tomado os necessarios compromissos no que respeita á conservação da religião protestante e ao seu proceder para com o povo, levanta-se e, precedido pela espada de Estado e acompanhado pelos grandes dignatarios do reino, avança para o altar. Abi ajoelha, descobre-se e presta juramento sobre a Biblia declarando em voz alta: «Estas coisas que prometi aqui, cumprirêi e manterei. Deus me ajude!» Sua majestade beja a Biblia e assina o juramento.

Segue-se uma breve prece e os sons vibrantes duma antífona de Handel annunciam os preparativos para a sagração do rei, que avança para o trono de S. Eduardo acima do qual os *lords* Rosebery, Cadogan, Crewe e Minto sustentam um palio tecido de prata. E' trazida a ambula e o arcebispo Sagra o rei traçando o sinal da cruz com o Santo Oleo sobre a cabeça, o peito e as mãos de sua majestade. O rei é cingido com a espada do Estado, revestido com a armilla, que é a vestidura da rétidão.

Dá-se-lhe o globo, emblema do Imperio e Jesus Cristo, o anel, insignia da dignidade real, o ceptro que é a vara da equidade e da piedade. Assim revestido dos emblemas do seu poderio, o rei coloca-se sobre o trono para a coroação. O arcebispo, deante do altar onde está a corôa, pronuncia esta prece: «O' Deus, que és a corôa dos

feis, abençôa e santifica o teu servo Jorge, nosso rei a assim como neste dia puseste sobre a sua cabeça uma corôa de ouro puro, enriquece o seu regio coroação com todas as virtudes de principe em nome do Rei Eterno, Nosso Senhor Jesus Cristo.»

Traz-se a corôa em procissão do altar ao rei, e põe-se sobre a cabeça de sua majestade. No mesmo instante todos os pares e reis de armas põem tambem as suas corôas e a assistencia solta prolongados vivas de *God save the King*. Soam as trombetas. Os grandes canhões da Torre de Londres e as baterias nos parques dão salvas, os sinos da cidade repicam.

Está sollemnemente corôado o Rei de Inglaterra e Imperador das Indias.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Salina Cruz a Acapulco

Salina Cruz, porto artificial recentemente construido, só tem importancia por ser o terminus, do lado do Pacifico, do caminho de ferro que atravessa o isthmo de Tehuantepec com um percurso de 183 kilometros. Tehuantepec foi um dos pontos em que se projectou um canal que ligasse o Pacifico ao Atlantico; ali pensou o conhecido Captain Eads, celebre pelas obras que executou no Mississipi, construir um caminho de ferro gigantesco que transportasse os navios de um a outro oceano, para o que obteve uma concessão, e finalmente em 1894 começou a explorar-se a linha ferrea actual.

O porto de Salina Cruz era perfeitamente desabrigado o que dificultava os transbordos. De accordo com o governo mexicano a firma inglesa Pearson construiu o porto de Salina Cruz, um outro no Atlantico, e melhorou a linha ferrea, de cuja companhia (Caminho de ferro nacional de Tehuantepec) possui metade das accões. Apesar de se terem já gasto perto de nove milhões de libras esterlinas o porto de Salina está ainda por acabar. O *S. Gabriel* esteve amarrado no porto exterior, que é perfeitamente abrigado pelos dois molhes, entre os quaes existe a entrada com 185 metros de largura.

O porto interior só em parte está completo. Tem um bom caes onde atracam os maiores vapores, provido de guindastes electricos da força de 3 toneladas, vias ferreas, armazens, encanamentos de agua e petroleo, etc. No fundo do porto interior existe uma boa doka secca de *concrete*, com 607 pés de comprimento e 100 de largo, onde na preamar podem entrar navios demandando até 34 pés. Quatro bombas centrifugas, movidas por electricidade, esgotam este dique em 4 horas.

A estação central de electricidade, muito grande e bem installada, está já completa. Ali vimos uma bateria de caldeiras Babox e Willcox queimando petroleo e uma grande casa de machinas contendo 2 grandes alternadores Westinghouse de 500 kilowatts, 3 phases, 50 cyclos e 131 ampères nos terminus cada um, movidos por machinas compound de dois cilindros, verticaes, com 18 e 30 pollegadas de diametro e 16 de curso, dando 200 rotações; dois outros alternadores semelhantes mas menores e dois geradores de corrente continua de 125 volts, 80 kilowatts e 375 rotações uma ponte rolante e varias machinas auxiliares.

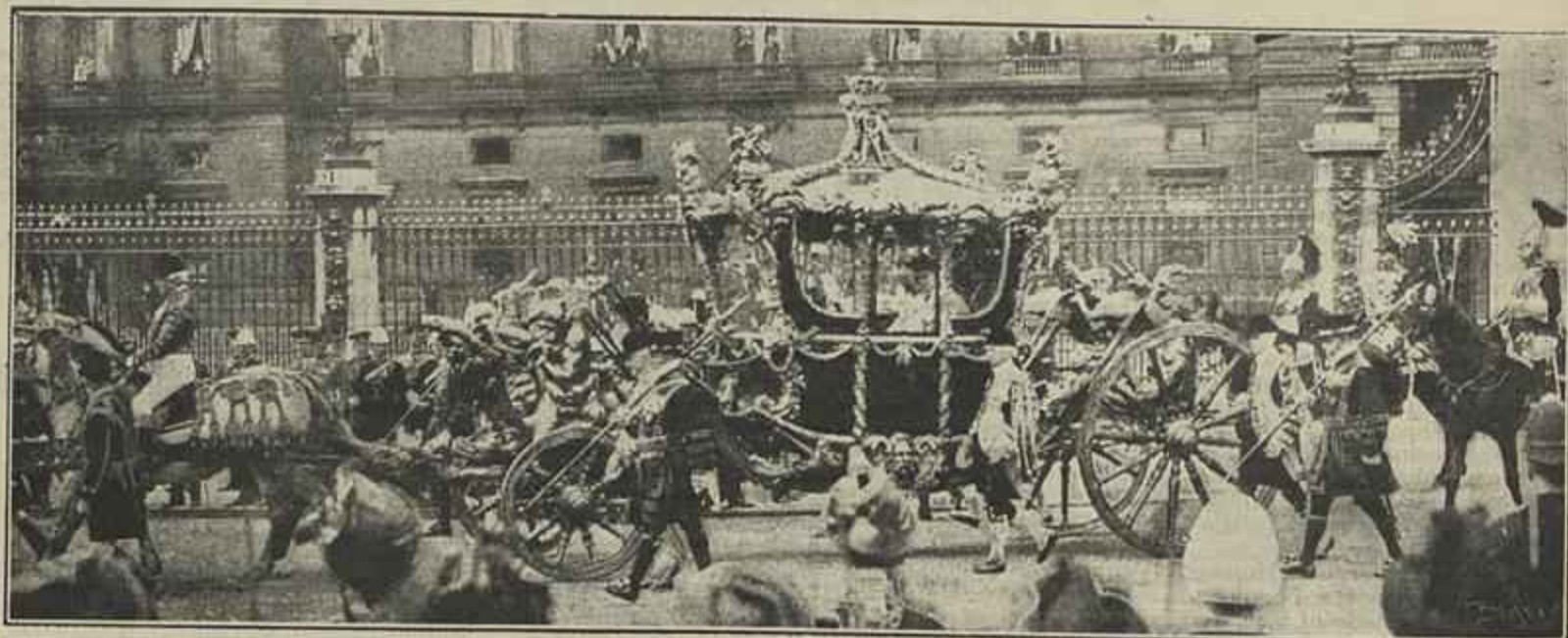
Espera-se que este porto venha a ter um movimento de dois milhões de toneladas de transito, mas afigura-se-me que vae ser muito prejudicado com a abertura do canal de Panamá. No dia em que chegámos entrou no porto o vapor americano *Virginian* trazendo de Honolulu 12.000 toneladas de assucar em transito para a costa oriental dos Estados Unidos. Estes vapores decerto não tornarão a vir aqui descarregar depois de aberto o canal.

Salina Cruz como povoação é muito pobre e insignificante.

Poucas casas boas existem, as ruas não teem especie alguma de calcetamento e a iluminação publica feita por policiaes com lanternas na mão, contrasta com a iluminação electrica do porto. A unica pessoa que veio a bordo quando chegámos foi o sr. Hall Victor Neyrup, vice-consul honorario da França, negociante, que foi nosso fornecedor.

Com elle visitei o capitão do Porto, que é tambem director da alfandega, o chefe militar coronel Tomas Pena, coronel de engenharia, o Jefe

A coroação do Rei Jorge V de Inglaterra



SS. MM. REI JORGE E RAINHA MARIA NO COCHE DE GALA, SAHINDO DO PALACIO DE BUCKINGHAM

Político Ximenez Ramirez e o presidente da camara municipal, A. Guzman.

Todas estas visitas me foram retribuidas. Na tarde de 9 foi o navio visitado por varias familias importantes de Salina Cruz, pelo consul dos Estados Unidos e de Inglaterra, etc.

A's 9 h. e 30 m. da manhã do dia 10 de abril saímos do porto e com optimo tempo começámos a navegar ao longo da costa do Mexico em direcção a Acapulco. A's 5 da tarde passámos a 3' do farol Porto Angeles e no dia 11 continuámos ao longo da costa, entrando pelo meio dia

no magnifico porto de Acapulco, onde logo que fundeámos se salvou á terra com 21 tiros, salva que foi immediatamente agradecida.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata

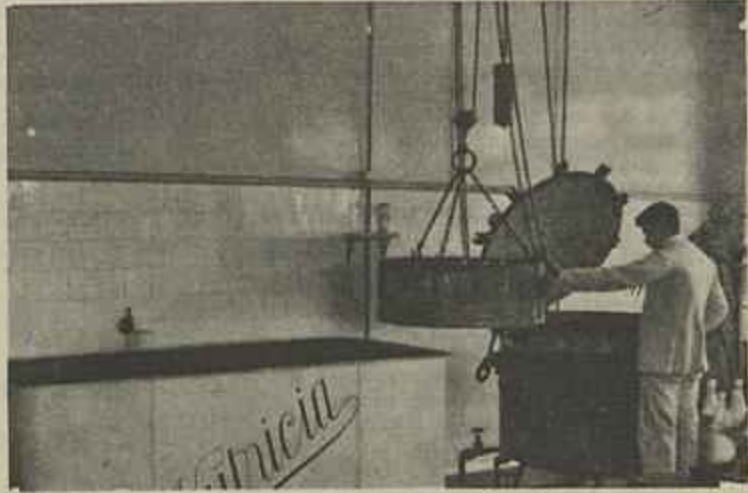


UM ASPÉTO DO CORTEJO REAL, NO REGRESSO AO PALACIO DE BUCKINGHAM — (De fotografias)

A NUTRICIA DE LISBOA



DR. SAMUEL MAIA



ESTERILISADOR DO LEITE E TANQUE PARA ARREFECIMENTO

Temos hoje a registrar nesta revista, sempre pronta a acompanhar todos os progressos da nossa terra, mais uma iniciativa tão louvável quanto benemerita, pelo arrojo do empreendimento e pelo benefício que vem prestar a Lisboa.

E' a *Nutricia*, estabelecimento geralmente destinado a fornecer alimentação higienica e em especial ás creanças, de que tanto ca-

Isto, que á primeira vista poderá parecer frívolo a alguns, aos que não medem a influencia que a alimentação higienica tem como preservativa da doença, é de capital importancia, pois a alimentação impropria é tão prejudicial á saúde, como a falta de uma dieta conveniente, racional, é um grande obstaculo para a cura de muitos doentes.

O atraso do nosso país é ainda manifesto, e muitas coisas, senão todas, se resolvem empiricamente, pela ignorancia de melhores recursos, pela tradição de maus costumes, por não se querer ver, enfim, o que a ciencia todos os dias está avançando nos outros países mais adeantados, em que se procura com afan tudo que possa melhorar e aperfeiçoar a vida das sociedades, no meio do trabalho, da luta que as assoberba.

A vida, particularmente nas cidades, tem se modificado extraordinariamente; tantas energias se consomem no trabalho como nos prazeres, o dispendio é enorme, os desequilibrios sucedem-se, manifestam-se nos esgotamentos nervosos, na debilitação dos organismos, no crescimento de muitas doenças que, se por um lado são a consequencia daquelle dispendio, mais se propagam se não se procurar o equilibrio na alimentação apropriada, racional e sobre tudo higienica.

E' este um problema vital que não sofre contestação, entretanto, em Lisboa, não haviam meios de o resolver, conforme as modernas prescrições da ciencia higienica, e de forma pratica.

Esse problema veio resolver o estabelecimento da *Nutricia*, em que empenhou toda a sua iniciativa e energia o sr. dr. Samuel Maia, a par da sua ciencia dirigida a este fim util e altruista, qual o de proporcionar á população de Lisboa, e porventura, á do país, por meios praticos, de facil alcance, o que essa população, em todos os casos, carece: de alimentos apropriados, reconstituintes e higienicos.

Hoje, Lisboa já tem onde se fornecer desses alimentos, num elegante estabelecimento da rua Augusta, 229 a 231, que é um encanto lá entrar, pelo asseio, pela alegria, pelo bem que se está naquelle recinto todo branco como o veu de uma noiva, de paredes e moveis como jaspe, onde não se conserva a mais leve mancha ou poeira, e onde o publico é servido por caixeiros irrepreensivelmente vestidos tambem de branco, não se notando nos seus vestidos a mais insignificante nódoa, inspirando absoluta confiança ao publico, que ali encontra variados comestiveis higienicamente preparados, que se lhe apresentam em caixas, boiões ou pacotes, de artistico aspeto.

A esta apparencia bela, atraente, corresponde em absoluto a genuidade dos preparados alimenticios, dieticos, garantidos com a marca da *Nutricia* e provenientes das principaes casas forne-

cedoras da Suissa, Holanda, Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos e Russia, taes como Donath's, E. Barrey, Jacquemaire, Ep. Loefflund



ESTERILIZAÇÃO DAS VASILHAS PARA O LEITE

recia a nossa capital, e cuja falta era sentida, tanto na hygiene das familias como no tratamento de doentes, a cada hora verificada pelos clinicos ao prescreverem as dietas.



CAPSULAGEM DAS GARRAFAS



ENGARRAFAMENTO AUTOMATICO DO LEITE

Hewel & Veithen, (Dr. Lahman's), International Health Association, etc.

A genuidade dos preparados amplamente garantida não corresponde menos o agradável desses preparados deliciosos ao paladar, além de



UM DISTRIBUIDOR DE LEITE DA NUTRICIA

favoráveis á saúde, o que nunca é de mais afirmar; mas o mais interessante de tudo isto para o português desconhecedor da evolução que nos países mais adiantados se está operando no regimen alimentar e dietico, é a facilidade de com elles se prepararem variados *menus* de almoços, *lunches*, e jantares, em alguns minutos, dispensando a complicada, morosa e dispendiosa engrenagem de cosinha e cosinheiras, que é hoje o pesadelo das donas de casa, e o que absorve o melhor dos ganhos dos seus chefes.

De facto, por estes processos modernos prepara-se um almoço ou jantar, delicioso, reconstituinte e higienico em meia hora, se tanto, com a maior limpeza e comodidade, poupando trabalho e tempo precioso, o que tudo redundando em importante economia.

E' assim que lá fóra se estuda e resolve praticamente o problema economico das familias, e se atende ao tratamento dos doentes por meio de dietas convenientes, para os diabeticos, dispepticos, artriticos, tuberculosos, etc., que tanto se originam nas más alimentações, como em vão se procuram curar faltando-lhe a dieta que lhes convem.

Obstar a todos estes males foi a ideia do sr. dr. Samuel Maia creando a *Nutricia*; mas suas vistas foram mais largas, dirigindo-se a outro problema que, filiado no mesmo principio, é ainda mais importante.

Trata-se das creanças, cuja mortalidade em nosso país e especialmente nos grandes centros é assustadora.

Os medicos que, por dever de officio, tem estudado este assunto, reconhecem, com justa observação, a causa na alimentação defeituosa ministrada ás creanças nos primeiros mezes, originando-lhe as gastro-esterites de que a maior parte são victimas.

A mortalidade infantil em Portugal eleva-se a um quinto dos nascimentos! Este desolador estado é devido principalmente ás mães, que ministram alimentação impropria a seus filhos, por ignorancia ou dificuldade em obter a que lhes é conveniente.

Pois bem, agora já não devem prevalecer essas causas. A *Nutricia*, fornece mais de duzentas farinhas, preparadas com desvelado cuidado, para a alimentação das creanças, satisfazendo assim a uma das maiores necessidades da sociedade portuguesa.

O programa da *Nutricia* não se limitou, porém, aqui. O sr. dr. Samuel Maia quiz ampliar a sua obra, como que completal a, tratando de um produto de alimentação, explorado, mais ou menos empiricamente, por fórrna quasi primitiva.

Referimo-nos ao leite, de grande consumo hoje generalizado para os sãos e para os doentes, e que em geral é fornecido ao publico nas peores condições de hygiene, de simples asseio. Haja vista o que se observa por esta Lisboa, de manhan e á tarde, em que bandos de vacas escanzeladas, quem sabe se tuberculosas, percorrem as ruas com os vaqueiros sujos e com toda essa sujidade ordenham as pobres vacas adicionando ao leite quantos microbios trazem nas mãos infetadas.

Um horror que todos presenciámos a par de muitos mais em que deviam intrevir os delegados de saúde. Mas intreveio o sr. dr. Samuel Maia com a *Lectaria Higienica*, que estabeleceu, como dependencia da *Nutricia*, num vasto e pitoresco terreno em Malpique, proximo do Campo Grande, onde as vacas, perfeitamente tratadas, dão excelente leite, o qual é homogenizado e esterilizado.

Isto quer dizer que todas as substancias gordas que enriquecem o leite e constituem a nata que vem a cima deste, se tornam homogeneas em todo o liquido, que assim conserva todas as suas substancias alimentares, espurgadas, pela esterilização, do que pudesse ser nocivo. Deste modo, o leite não só adquire melhor sabor e fornece melhor alimentação, como se torna facilmente digerivel até aos estomagos mais delicados.

E' o que se comprova pelo bom raciocinio e esperiencia.

Não é o OCCIDENTE uma revista puramente scientifica com autoridade para tratar destas questões; entrando, porém, nellas só a move o desejo de vulgarisar tudo que seja util e traga progresso a este país, e, por isso, não duvida fechar esta noticia, com a autoridade de um professor da Escola Medica de Lisboa, sr. dr. Azevedo Neves, que, referindo se á *Nutricia*, se exprime nestes termos:

«Este estabelecimento vem preencher uma gravissima lacuna existente no nosso meio. Nós não sabemos como nos devemos alimentar; a nossa alimentação é má, muitas vezes por excessiva e

quasi sempre por irregularmente escolhida. Tudo isto se reflete e se agrava quando doentes. E, o que é peor, é que as mães seguem pela mesma esteira quando cuidam da alimentação dos filhos, de que deriva toda a série de completos desastres anatomicos e fisiologicos em que a nossa vista se condoe, a cada passo, nessas ruas de Lisboa. A *Nutricia* vem, portanto, ensinar ás mães como se devem alimentar os filhos e a nós, adultos, como devemos e onde devemos obter alimentação conveniente para a nossa saúde. O Samuel, trabalhando afincadamente para este escopo, realisa uma obra altamente meritoria. Que continue desenvolvendo e desenrolando o seu vastissimo programa, é o que se necessita para bem do nosso estomago e consequente bom funcionamento dos nossos nervos.»



Esboços Individuaes

Editado pela Parceria Antonso Maria Pereira, chega-me agora um livro, *Esboços Individuaes*, com amavel oferta do seu autor, Henrique das Neves, presado e velho amigo, sempre novo no espirito, que é o que importa, como o vae afirmando com a publicação dos seus livros, muito portugueses, no assunto, na fórrna e, para nos servirmos das palavras de Fialho de Almeida, — dirigidas em carta a Henrique das Neves, a proposito do livro, *Individualidades*, e que este estampou agora no volume de *Esboços* — «O livro é bonito, singelo, fresco. Já o li todo. Um ramilhete de hervas cheirosas, com alguma flor de jardim picando o verde...»

Pois tambem eu li agora este todo e achei-lhe o mesmo sabôr, ficando desejoso de mais!

Henrique das Neves chamou a este seu livro, *Esboços Individuaes*; eu chamar-lhe-ia *Memorias*, por que o são e de bom quilate, pois nos recordam e falam de Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo, Alexandre da Conceição, Antero do Quental, Teofilo Braga, Trindade Coelho, Cesario Verde, Antonio Nobre e outros, á parte historietas, anedotas, etc., com que entremeia o livro.

Se ainda em Portugal ha livros que se vendam, este deve ser um delles, e digo isto sem espirito de reclame, que não é preciso, pois que o oiro, como o amor, não são coisas que se ocultem por muito tempo, e o livro de Henrique das Neves é oiro de lei.

Para dar a nossos leitores uma melhor ideia do que são os *Esboços Individuaes*, transcrevemos ao acaso duas das suas paginas que tem por titulo:

Guerra Junqueiro (na mocidade), Guilherme d'Azevedo e Luiz d'Andrade

«Falar de Junqueiro e de Guilherme, acode á memoria, por associação de factos, a firma litteraria Gil Vaz, que se celebrou mormente na *Viagem á roda da Parvonia*, de escandalosa e não menos ruidosa memoria.

Junqueiro, em plena pujança da mocidade que gerou a *Morte de D. João* (com o que ganhou d'assalto a fama), atravessa a sua fase litteraria imediata á coimbrã, e visitava Lisboa, por intermitencias. D'uma d'estas vezes a *Federação Academica*, convidou-o a um sarau litterario, para o ouvir, sarau em que elle recitou o trecho predominante da Introduccão d'aquelle poema. Tambem recitaram poesias soltas, Bulhão Pato, João de Deus, Urbano de Castro e outros.

Aos nomes de Junqueiro e Guilherme devemos associar o de Luiz d'Andrade, residente ha annos no Brazil, sua patria e em cujo parlamento tem por vezes occupado o logar de senador eleito. A sua individualidade não passou despercebida em Coimbra e Lisboa. Articulista e cavaqueador brilhante, caracterizou o feitiço do seu espirito no livro *Caricaturas em prosa*, prefaciado por Junqueiro. Mas o que eu mais admirava nelle era o sentimento da amizade. Esta virtude antiga ia nelle ao mais intenso grau. Quando era amigo, era amigo de veras. Junqueiro, não encontrou na sua existencia, creio, companheiro que lhe fôsse mais dedicado.

Os tres foram os colaboradores litterarios do primeiro semanario de caricaturas de Rafael Bordallo, — *A Lanterna Magica* — o qual poz immediatamente em evidencia as faculdades singulares de Rafael para aquelle genero, até então cultivado entre nós desastradamente.

A vivacidade d'espirito de Junqueiro, então,

os seus ditos sarcasticos, os epigramas, as ironias, os quadros descriptivos, as narrações, os retratos comicos, emfim, este conjuncto brilhante que sahia espontaneo da sua veia satirica e que mais tarde explodiu na *Velhice do Padre Eterno*, trazia-o acompanhado frequentemente de apreciadores e deixou um rasto ainda não extincto em Lisboa, Coimbra e Porto.

Junqueiro, quando apparecia no quarto da redacção da *Lanterna Magica*, recostava-se em um sofá, e allí se conservava deliciando-se com um bom charuto. Não escrevia; o Guilherme e o Luiz, esses lá estavam á meza de penna em punho. Traziam de casa obra para a loja: artigos, apontamentos, fôgo de atiradores emfim, tudo coisas leves e que de leve ferissem, pelo riso. Sabe-se como Guilherme d'Azevedo chegou a ser, entre nós, um parisiense neste genero.

Ora, nenhum dos dois, quando acabava de garatujar qualquer *blague* (expressão do Guilherme) dava o caso por concluido. Não, senhores. Junqueiro havia d'ouvir e dar o seu voto, e Junqueiro, a maioria das vezes, descubria um aspecto novo a acrescentar, um traço seu a frisar melhor a facecia.

Certa occasião, por exemplo, o Luiz leu em voz alta uma nota comica que trazia. Era o caso d'um jornalista que, referindo-se a Galileu, apontava-o como um martyr que acabou os seus dias encarcerado na... Bastilha.

Todos riram da bernardice. E dispondo-se o Luiz a adicionar-lhe o comentario, acode de lá o Junqueiro: Diz a esse homem que ahí ha um pequeno equivoco; Galileu não morreu na Bastilha, morreu no Limoeiro. E o comentario que sahio a publico foi aquelle mesmo. Assim era a colaboração de Junqueiro, em prosa ou em verso.

Foi ditado por elle, intervindo tambem o Guilherme, e escrito por Andrade, a balada ao cavallo em que Fontes, se estadeava então (1876) por essas ruas.

«O seu cavallo branco legendario,
Ninguém sabe d'onde elle veio,
Todos temem tocar-lhe e tem receio
De ver desfeita aquella sombra vã,
O seu cavallo branco legendario
E' filho dos nevoeiros da manhã.»

E nas estrofes a seguir, depois de varias conjecturas mais ou menos nevoentas em tom de balada germanica sobre a origem do Bucephalo, descobre-se finalmente que

«... era filho do Ribatejo.»

Conservo como recordação daquellas noites e da convivencia de tão bellos espiritos, o manuscrito corrigido e entrelinhado d'estes versos.

Se Luiz d'Andrade é vivo, conforme me afirma o caricaturista Alfredo Candido, que no Brazil o conheceu, e se este livro lhe chegar ás mãos, lembre-se do seu velho amigo que o assigna, que ainda se conserva cá neste Jardim da Europa, e que sente saudades d'aquelles tempos da nossa mocidade.»

São ou não memorias?

CAETANO ALBERTO.



NECROLOGIA

Eduardo Moreira Marques

ENCARREGADO DE NEGOCIOS DE PORTUGAL
EM VIENNA D'AUSTRIA

Os jornaes de 9 do mez passado publicavam o seguinte telegrama:

«VIENNA, 8 — Hoje de manhã os jornaes registam com setimento a morte, depois de longa doença, do sr. Moreira Marques, encarregado dos negocios de Portugal e ha muito residente nesta córte. — (Havas.)»

Noticias posteriores confirmavam a má nova. Portugal perdia um dos seus funcionarios diplomaticos mais intelligentes e zelosos pelo bom nome da sua patria, como o provou sempre no exercicio de suas funções diplomaticas.

Eduardo Moreira Marques, nasceu em Lisboa, por 1864, filho de Joaquim Moreira Marques, antigo negociante da nossa praça e homem muito devotado ás artes e letras de que era grande

apreciador, o qual cuidando desveladamente da educação de seu filho, o mandou continuar seus estudos na Suíça, cujo clima era mais favorável á delicada compleição do joven estudante.



EDUARDO MOREIRA MARQUES

Concluindo esses estudos Eduardo Moreira Marques, entrou na carreira publica, fazendo parte da missão diplomatica do sr. conde de Fontalva, em Berne. Terminada esta missão, Moreira Marques continuou na Suíça, como secretario do ministro de Portugal, sr. Nogueira Soares, que tinha por elle a maior estima, e com o qual trabalhou no complicado processo de arbitragem da celebre questão Mac-Murdo do caminho de ferro de Lourenço Marques.

Tendo falecido Nogueira Soares, ficou, por muitos annos, encarregado dos negocios de Portugal em Berne o sr. Moreira Marques, missão de que se desempenhou condignamente, e nesta qualidade passou para Vienna de Austria, onde se conservou até morrer, tendo apenas uma pequena ausencia para Londres, em serviço da legação, requisitado pelo sr. marquês de Soveral quando ali ministro.

Dias antes do seu falecimento fôra promovido pelo governo da Republica a secretario de primeira classe.

Era uma justa recompensa aos seus bons serviços, mas que a morte mal o deixou apreciar, pois a doença já de ha muito o vinha torturando, o que não impediu Moreira Marques de trabalhar até á hora derradeira da sua vida.

Sua morte sentida em Vienna, onde Moreira Marques conquistara as maiores sympathias, não o foi menos em Lisboa, e o governo apressou-se em telegrafar ao encarregado de negocios em Berlim, para ali o ir representar nos funeraes, tendo o sr. dr. Bernardino Machado mandado colocar uma corôa com fitas verdes e encarnadas, sobre o feretro.

Entre as manifestações de sentimento pela morte do prestante diplomata devemos notar a da Sociedade Propaganda de Portugal, que lavrou na acta de uma das suas ultimas sessões um voto de profundo pesar pela perda do seu prestimoso socio correspondente.

O cadaver de Moreira Marques veiu depositado para a igreja de S. Julião, em Lisboa, donde se realisou o sahimento, no dia 23 de junho, to-se realiso nelle parte, o sr. Ministro dos Estrangeiros, além de numerosas pessoas da nossa primeira sociedade.

Eduardo Moreira Marques tinha por parentes mais proximos a sr.^a condessa de Valença e conde de Fontalva de quem era primo direito, a quem reiteramos nossas condolencias e a toda á illustre familia.

Sousa Bastos

Aos estragos da diabetes, que ha alguns annos se declarara implacavel, succumbiu na tarde de 2 do corrente, Antonio de Sousa Bastos, que nascera, em Lisboa, a 13 de março de 1844.

Sousa Bastos foi escritor dramatico e empre-

sario teatral, e nesta qualidade poucos gosaram a popularidade que elle teve, em Lisboa, nas provincias e até no Brasil aonde foi, por varias vezes, com as suas companhias, representar o seu repertorio de revistas, e tendo por estrela de primeira grandesa a atriz Palmira Bastos, com quem casara ha annos.

Essa popularidade veio-lhe sobre tudo das revistas que compoz e mais calaram no gosto publico, como as intituladas *Sal e Pimenta*, *Tim Tim por Tim Tim* e *Fim de Seculo*, além de muitas outras que fez, pois foi o primeiro, ou dos primeiros autores a compôr este genero de peças.

E' vasto seu repertorio de comedias, dramas, magicas, originaes e tradusidas ou adaptadas á cena portugueza, e, poucos, a não ser Eduardo Garrido, melhor se tem havido com este genero.

Muito ávido e empreendedor, lançou-se tambem no commercio de livros de sociedade com o tipografo João Antonio de Mattos, fundando em 1877 a Empresa Literaria de Lisboa, que editou uma *Historia de Portugal*, em seis volumes, escritos cada um por Antonio Ennes, Bernardino Pinheiro, Eduardo Vidal, Pinheiro Chagas, Gervasio Lobato e Luciano Cordeiro, illustrados com quadros historicos por Manuel de Macedo e Caetano Alberto. Editou mais a *Historia Universal*, do dr. Jorge Weber, tradusida por Delfim de Almeida e illustrada pelos mesmos artistas da *Historia de Portugal*.

O Mattos liquidou a sociedade com Sousa Bastos, e este entregou-se então á exploração de empresas teatraes, que era o seu elemento.

Muito conhecedor de artistas e coisas de teatro, publicou, em 1898, *A Carteira do Artista*, com biografias de autores dramaticos, actores e actrizes, pontos, cenografos, etc., muitas anedotas da vida do teatro, com que fez um livro interessante. Publicou depois, *Diccionario do Teatro*, tratando não só da tecnologia teatral, mas tambem de autores dramaticos, actores e actrizes, emprezarios, etc.



ANTONIO SOUSA BASTOS

Nos ultimos tempos, impossibilitado pela doença, escrevia para o *Diario de Noticias*, coisas sobre o teatro, que são memorias muito interessantes.

Sousa Bastos morreu ausente de sua estremeida esposa a actriz Palmira Bastos, que se encontra no Rio de Janeiro com a companhia do teatro da Trindade fazendo ali a época do inverno. Esta separação temporaria, naquelles momentos não seria menos dolorosa ao pobre enfermo do que a sua mulher, quando soube da fatal nova, telegraficamente participada pelo sr. Afonso Taveira, que assistiu á morte de Sousa Bastos, bem como as filhas deste que bem poderão consolar-se por verem emfim terminado o grande sofrimento de seu pae.

Daqui endereçamos nossas condolencias.

C. A.

A casa submarina

POB

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1169)

«Incandescentes como estavam os nossos cerebros e com os membros entorpecidos, avançavamos sempre através dos terrenos pantanosos, procurando com a vista algum dos infelizes que desejavamos salvar. Não queriamos pensar no tempo que duraria aquella busca, nem que supremo infortunio poderia pôr termo á nossa digressão que acabaria por nos fatigar, ainda antes de nos sobrevir o fatal somno. Havia gente honrada soffrendo na ilha e o nosso instincto gritava-nos: «Salva-as!... Salva-as!»

— «Vê alguma coisa, capitão? — perguntei ao meu companheiro. — Já devemos estar perto d'elles. Não ouve nada?»

— «Nada, — respondeu, — nem o menor ruido.

— «Ali, ali, junto ao bosque, que foi o sitio onde desembarcaram. Poderá chegar até ali, capitão?»

— «Procurarei fazel-o, — respondeu entre dentes.

— «Não poderão estar muito longe do bosque. Feiche os olhos ás coisas que vir, e não pense n'ellas. E' um sitio espantoso este, capitão. Ninguém será capaz de imaginar uma coisa assim.

«Aguardei que se approximasse de mim e colloquei-me de maneira que elle só visse o caminho por onde ia, isto é, em direcção ao mar, e não para o lado do bosque, onde eu tinha visto coisas tão terriveis. N'aquelle sitio em que os prados se reuniam com o bosque, estava parte do campo cheio de gado dormindo, mas rigido como marmore. Vacas e ovelhas, arvores e montes, tudo branqueado pela luz da lua, parecia cinzelado pela mão da morte. E' que se um ser vivo pudesse estar ali, falando e movendo-se, pareceria um insulto á belleza maravilhosa d'aquelle campo de morte. Tudo impulsionava o homem a deitar-se por terra, acontecesse o que acontecesse, entregando-se á magia do somno.

«Talvez que nós tambem assim fizéssemos, se um grito de mulher, quebrando aquelle silencio, nos não despertasse de novo a lembrança dos nossos projectos.

— «Ouviu?!... — gritou espantado o capitão Nepeen. — E é uma voz de mulher, perto d'aqui!»

— «Agora não volte para traz, capitão Nepeen, não volte.

— «Nem que me desse uma fortuna! — disse elle valentemente. — Deve ser Gertrudes Dolling, a irmã do commissario: não podemos abandonal-a.

«Aquelle desejo fez-lhe o mesmo effeito do que se tivesse bebido um copo de vinho. Julgo que o capitão esteve a ponto de cair por terra, mas agora, endireitando-se e apoiando-se um instante ao meu braço, deitou a correr com toda a sua força, e eu, junto com elle, encontravamos-nos d'ali a pouco no meio do bosque.

«Chegados aquelle sitio, encontrámos effectivamente a pobre senhora, andando como cega, dando tombos de um lado para o outro, como uma mulher privada da razão, enquanto dois pequenitos agarrados ás saís, choravam lastimosamente por ella não fazer caso d'elles.

«Era uma coisa extraordinaria, e será pre-

ciso que veja outras para esquecer esta. Escuro como era o bosque durante o dia, a lua illuminava agora todos os seus reconditos cantos, mostrando os troncos das arvores cobertos de plantas, os massiços de arbustos cheios de flores, os silenciosos charcos e barrancos, tapetados de ervas. E no meio d'aquella scena silvestre, longe dos homens, em meio d'aquella espessura solitaria do grande Oceano Pacifico, via-se a figura da civilisação na pessoa de uma joven vestida de branco, com um chapéo da ultima moda de Paris, e umas criancas com os seus fatinhos á marinheira, agarrando-se cheias de confiança á saía da joven, buscando as suas mãos protectoras.

«Não me surpreendeu então nem me surpreende agora, que a joven não nos visse nem ouvisse. O delirio tinha-se apoderado d'ella, e logo ao primeiro ataque, a havia privado da vista, do ouvido e até da presença das pobres criancas.

«O lastimoso canto que ia entoando, era a primeira estraphe da loucura.

«As passadas que dava, não tinham direcção fixa e umas vezes a levavam para o centro do bosque, outras para o lado da praia. Duas vezes lhe ordenei que parasse e esperasse por nós, mas inutilmente esperei a res-



A CASA SUBMARINA, CAP. XXII — ... uns pela borda do muro com a cabeça e os braços pendidos...

posta; e julgo até, que nem sentiu a minha mão quando lh'a pousei sobre o hombro, mas por fim caiu desmaiada e fria nos meus braços e foi então que a pude levar até á beiramar.

— «Agarre nas crianças, capitão, e vá com ellas direito á praia. Córra, se quer salvar a vida e a das pobres criancas. Já será isso alguma coisa.

«Respondeu-me com uma palavra que era quasi um gemido, mas cobrou animo para cumprir o seu dever. Elle bem sabia que d'aquella carreira dependia a vida de todos nós.

«A joven, que eu levava nos braços, tinha com certeza mais peso que um sacco de pen-

nas, mas a esperanza de a salvarmos deu-me forças e coragem para carregar, ainda que fosse com quatro iguaes a ella.

«O caminho que tinhamos de seguir era por um barranco de paredes baixas que conduzia ao sitio onde deixámos o bote.

«Nada nos detinha o passo, pelo menos assim o julgavamos. E comtudo enganavamos-nos.

«Havia uns dez ou doze piratas de Czerny por detraz d'estes muros, que gritavam selvajamente ao saírem do bosque para nos perseguirem como demónios.

«Segundo soubemos depois, aquelles homens, desesperados pela fome e pela sede até ao ponto

de perderem a razão. Tinham ido a terra n'aquella mesma noite, talvez com o fim de saquearem os armazens da ilha, ou então foi a propria loucura que para ali os guiou.

«Desembarcaram vinte, mas oito já estavam dormindo o terrivel somno: uns pela borda do muro com os braços e a cabeça pendidos, outros contorcendo-se em terribes convulsões durante o somno, e até um d'elles, posto de pé de encontro ao muro, parecia um crucificado. Mas todos apresentavam o mesmo aspecto de corpos caldos no campo de batalha.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

Electro Anesthene Tugman (Registado)

PATENTE

Operações sem dor, sem perigo, sem cocaina
Por meio da Syringa Electrica A. B. Tugman

Demonstrado em Londres, Portugal e Hespanha perante a arte e approved

Tratamento de doenças da bocca e nevralgias por meio das infiltrações electricas

TUGMAN LOCAL ANESTHESICO — EEMPLASTROS TUGMAN

O unico meio de operar sem dor e sem perigo

A. B. TUGMAN, DENTISTA — PALACIO FOZ

Apparellhos fabricados pelo DENTAL MANUFACTURING COMPANY LIMITED — Londres

Agencia e deposito de apparellhos Hickie Brothers

RUA DO CRUCIFIXO, 7, 1.º — LISBOA



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CONTRA
A TOSSE

EXROPE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C.ª, Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação nos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis